

## Entrevista com Taís Bravo e Simone Ricco

Taís Bravo<sup>1</sup>

Simone Ricco<sup>2</sup>

Rosa Gens<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil

<sup>2</sup>Universidade Federal Fluminense. Niterói, RJ, Brasil

E-mails: taisbravo@gmail.com; simonericco@hotmail.com; rosagens.litbras@gmail.com

Editor-chefe

Anélia Pietrani Correio

Laíse Ribas Bastos

Maria Lucia de Faria Correio

*Tentamos justificar o porquê de fazermos literatura, mas acho necessário dizer que fazemos porque dá sentido às nossas vidas, dá prazer e queremos encontrar meios para seguir adiante.*

**Taís Bravo**

Como citar:

BRAVO, Taís; RICCO, Simone;  
GENS, Rosa. Entrevista com  
Taís Bravo e Simone Ricco.  
Revista Fórum de Literatura  
Brasileira Contemporânea,  
v.15, n.29, e63596, 2023. doi:  
[https://doi.org/10.35520/  
flbc.2023.v15n29e63596](https://doi.org/10.35520/flbc.2023.v15n29e63596)

*Em que medida a editora está interessada na autoria e em que medida se interessa pelo produto-autor? [...] Estar nas livrarias ainda é uma tarefa um pouco mais difícil. Uma figura bastante importante é a dos livreiros. Eles carregam um material que nem sempre estará nas livrarias.*

**Simone Ricco**

A entrevista a seguir foi realizada durante as atividades do IX *Encontro do Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea*, realizado na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, durante os dias 11 e 12 de setembro de 2018.

**Rosa Gens** – *Inicialmente, gostaria de agradecer ao Dau Bastos. Não gosto de falar em público, ele sabe disso. Minhas conversas são sempre muito íntimas e com poucos alunos, mas achei por bem prestigiar esse Fórum, que é tão maravilhosamente comandado por você, pela Maluh e pela Anélia. Conheço pouco das minhas colegas de mesa, mas as apresentarei brevemente e farei uma provocação para começarmos a conversa. Simone Ricco é escritora, mestre em Literatura Africana pela Universidade Federal Fluminense, professora da Secretaria Municipal de Educação e atuante da “Coletiva Corpas”, que depois eu gostaria que ela nos explicasse melhor o que é. Taís Bravo também é escritora, graduada em Filosofia pela Universidade Federal Fluminense e idealizadora do “Mulheres que Escrevem”. Eu gostaria que as duas falassem um pouco sobre seus espaços de atuação, pois eles não são convencionais.*

**Simone Ricco** – Bom dia. É uma alegria muito grande estar aqui. Há nesse trabalho não convencional que você mencionou uma parte convencional: aquela que garante a manutenção do sonho de fazer o que gosto, que é trabalhar com narrativas em diferentes frentes.

Encontrei, nessa proposta, o caminho do audiovisual e participei de alguns coletivos, como o “Mulheres de Pedra”, um coletivo de mulheres negras, em Barra de Guaratiba. Temos um filme conhecido, chamado *Elekô*, que venceu o Festival 72 horas, em que também há um trabalho com o texto através de uma poesia minha que constrói a narrativa.

Em todas essas frentes, estou sempre pensando em algo que também me ocorreu hoje, ao olhar o pátio e observar os estudantes: para onde as Letras nos levam? Quais caminhos podemos trilhar?

Lembro-me de que, quando fiz Letras, a última coisa que eu queria era ser professora. Sempre achei que uma porta se abriria no universo e me daria inúmeras possibilidades. Essa porta não se abriu magicamente, mas os caminhos estão aí para serem trilhados. Nesse sentido, acho que ter feito Letras foi libertador, embora eu tenha hoje uma vinculação institucional que me tolhe bastante a liberdade, porque ocupa quarenta horas. Professor. Quarenta horas. Sete turmas. Duzentos e oitenta alunos.

Ora, como fazemos com que isso ainda seja poético? Primeiro, entendendo que muitos daqueles meninos e meninas que estão ali dentro da escola pública são um pouco do que eu fui e, se passei por lá e me tornei um ser humano que segue a vida mantendo acesa a possibilidade de sonhar um sonho que não é delírio e acontece através da arte e através da falha da escrita, quero o mesmo para os meus alunos.

Essas horas não são sofridas, são vividas. Com dificuldades, claro. Alguns dias mais penosos, outros dias mais leves, mas o magistério é um dos caminhos.

O curso nas Letras acontece muito com a oralidade, para mim. Minha orientadora, Laura Padilha, sempre me dizia para continuar só falando, porque falo muito bem, segundo ela, mas eu respondia que estava aqui também para aprender a escrever bem. Na verdade, concordo com a Laura, pois tenho até muita preguiça de escrever.

Meu caminho tem acontecido com paratextos, por exemplo. Um paratexto que me deixou muito feliz foi a orelha do livro da Conceição Evaristo, *Histórias de leves enganos e parecenças*. A Conceição sempre fica me mandando sair do armário, dizendo que sou escritora, que tenho que escrever. Um belo dia, o editor me liga e diz que há um presente dela para mim. Eu, imediatamente, disse que iria buscar o tal presente e ele contou que, na verdade, esse era um presente que eu teria que mandar, pois ela havia encomendado a orelha do livro. Um tempo depois, o Cuti, um autor que admiramos muito, fez a encomenda de um prefácio. Fiquei imaginando que logo me chamariam para escrever um livro inteiro e eu sabia que ainda não dava para fazê-lo.

No começo deste ano, participei de uma oficina de criação literária. Era uma oficina formativa que pretende trabalhar com autoria negra jovem, porque entendemos que é preciso dinamizar o surgimento desses sujeitos negros que atuam na Literatura como sujeitos e que fazem do sujeito negro também seu personagem, seu protagonista. Essa oficina acabou resultando em trabalhos que vão virar um livro, publicado pela Malê, a editora que hoje publica Conceição Evaristo, Cristiane Sobral, Muniz Sodré, Martinho da Vila, ou seja, uma editora que tem como perfil publicar a literatura produzida pela autoria negra.

Não sei até que ponto as pessoas desconhecem, mas temos a editora Mazza, em Minas Gerais, a Nandyala e a Malê, além da Companhia das Letras, que publicam dentro de um segmento da editoria literária voltado para o autor negro. A Malê, aliás, também faz um processo formativo, lançando, uma vez por ano, o Prêmio Malê. A oficina de que falei pretendeu trabalhar autores negros com uma introdução teórica, porque muitos são ligados aos saraus, ao rap, ou seja, não são estudantes de Letras, embora alguns alunos da oficina o fossem.

Depois disso, eu me uni a outras mulheres negras que atuam na zona oeste do Rio-trabalhando com arte, e elas também me pediram para fazer um texto, de modo que as Letras sempre vão me levando para algum lugar. Essas mulheres queriam fazer um Encontro de Performances de Mulheres Negras, porque perceberam que havia um grande número que as pessoas desconhecem. Quem aqui conhece? Precisávamos dar visibilidade. Comecei batizando a criança, dando o nome de Corpas. Foi um encontro muito bonito.

**Taís Bravo** – Gostaria de agradecer pelo convite. Considero muito importante estar presente neste encontro. Sou aluna da Letras, em minha segunda graduação.

Estávamos conversando justamente sobre esses caminhos, e a Simone falou algo muito importante a respeito dos coletivos e das iniciativas que envolvem um trabalho como o nosso, que não tem fim lucrativo e, portanto, não é um trabalho empresarial: por que as pessoas se engajam nesses tipos de trabalho? O que há nessas trocas? A Simone dizia que isso acontece pelo prazer e acredito que é um pouco isso. O “Mulheres que Escrevem” surge como a solução de uma demanda por uma afirmação de prazer. Acredito que a escrita ocupe esse lugar.

A história do “Mulheres que Escrevem” é um pouco longa, envolve muitas pessoas, mas falarei sobre o que somos agora. Atualmente, somos uma iniciativa com cinco mulheres na equipe: Estela Rosa, Natasha Silva – comigo desde o início –, Seane Melo, Dayana Romeiro – nossa designer, também aluna da Letras –, e eu. Realizamos diversas atividades. Temos uma ação virtual, a partir das redes sociais e começamos, inclusive, virtualmente, com a “Newsletter”, uma plataforma em que você se inscreve para receber e-mails. Por ali, enviamos textos, na tentativa de criar uma comunicação, porque acho que o e-mail é um pouco mais íntimo.

Além dessas ações virtuais, realizamos encontros pessoais, desde 2016. Os primeiros foram fechados, mas desde 2017 temos realizado encontros abertos ao público, com diversas temáticas.

Neste semestre, iniciamos um curso no PACC, no laboratório da palavra, aqui da UFRJ, o “Mulheres que Escrevem na Literatura Contemporânea”. Nele, convidamos poetisas aqui do Rio a comentarem os trabalhos de outras poetisas, não só do Rio. A ideia é que, através do diálogo entre duas poetisas, as participantes do curso – estou falando “as” porque só há mulheres participantes, apesar de o curso ser aberto ao público – produzam textos, poemas. A ideia é propor outra forma de pensar a literatura, não partir de uma genialidade, de uma autoria marcada, mas de uma conversa, de uma troca. Esse sempre foi nosso ponto de partida e por isso temos o *slogan* “Uma conversa entre escritoras”.

O prazer, no meio disso, acontece, porque acho que o “Mulheres que Escrevem” surgiu na minha vida como uma solução de uma vontade de escrever e de fazer parte, de não escrever sozinha, porque, para mim, não faz o menor sentido escrever sozinha. Nós nos autodenominamos uma iniciativa, porque a nossa ideia é impulsionar: impulsionar encontros, impulsionar redes. Não queremos representar ninguém, mas movimentar e fazer com que as pessoas se encontrem e as mulheres conversem, tanto pessoalmente quanto entre seus projetos literários. Eu tinha muita vontade de dialogar com outras mulheres, de encontrar com mulheres que escrevem diferentes tipos de literatura e, a partir do “Newsletter”, foram surgindo organicamente outras ações, outras formas de encontro.

Vi algumas mesas e fiquei refletindo sobre como sempre nos perguntamos a respeito da função da literatura neste tempo que vivemos, que é sombrio em muitos

aspectos. Tentamos justificar o porquê de fazermos literatura, mas acho necessário dizer que fazemos porque dá sentido às nossas vidas, dá prazer e queremos encontrar meios para seguir adiante. Assim, considero importante o que a Simone falou, de as nossas iniciativas existirem para criar formas de continuarmos.

**Rosa Gens** – *Vocês duas publicam em blogs, também, certo? Vocês têm retorno? Se sim, como esse retorno acontece?*

**Taís Bravo** – Além da “Newsletter”, temos uma outra plataforma que não é exatamente um blog, mas uma coisa próxima. Hoje em dia, não publico tanto na Internet, porque tenho achado um pouco cansativo, mas considero-a um meio muito importante para conhecermos a produção de outras pessoas e também para ter um primeiro gesto de coragem: o de estarmos abertos à leitura. Há, nisso, uma autonomia; você tem a possibilidade de se autopublicar, de acreditar que a sua criação pode dialogar com outras pessoas.

Por coincidência, hoje tive duas situações que mostram um pouco dessa recepção. Vou lançar meu primeiro livro de poesia, e muitos dos poemas foram publicados em revistas: na “Oceânica” – uma revista que existia e era feita pela Maíra Ferreira e pela Danielle Magalhães –, e na própria “Mulheres que Escrevem”. Estava conversando com uma colega de classe que faz aula comigo e ela veio perguntar se um determinado poema que saiu na revista da Dani apareceria no livro. Achei incrível alguém já conhecer o meu poema, porque está no ar, disponível na internet.

Além disso, uma professora chamada Samanta me disse que levou um poema meu, que estava online, para a sala de aula. Também achei maravilhoso. É um caminho, e os educadores o estão buscando, porque, às vezes, os alunos ainda não dão conta de dialogar com o material que está nos livros. Você, então, vai buscando outros meios, como os blogs, o “Instagram”, o “Youtube” etc.

A Natasha Felix, por exemplo, é ótima nisso. O livro existe, mas você poder levar a público a performance, mostrar o corpo, a voz da poeta é muito interessante para quem escreve e para quem recebe.

**Simone Ricco** – Não publico mais em blogs, mas tenho um que ainda deve existir, apesar de eu não ter mais voltado lá. Lembro-me de que, na época desse blog, eu recebia bastante retorno e, inclusive, vejo casos como o da Ryane Leão, que chega a publicar a partir da resposta que tem na rede social.

É importante perceber que, hoje, as redes sociais, dentro do mercado editorial de que estamos falando e para essas mulheres que estão se reunindo coletivamente, projetam muito os trabalhos individuais. Publicar individualmente é muito complicado e caro, então as mulheres fazem um coletivo e, a partir da projeção do coletivo,

vão lançando seus blogs individuais. Como exemplo, podemos citar a Luz Ribeiro, a Débora Almeida e a Mel Duarte. Elas têm seus blogs que repercutem bastante.

A resposta dá tempero, alavanca, norteia o trabalho da autoria. No caso das coletivas, há uma coisa curiosa, que são os *deslikes*. Como trabalhamos com textos que, ao colocar o protagonismo negro, fazem, de certa forma, uma afronta, algumas vezes, “metendo o pé na porta”, recebemos vários *deslikes* e comentários de que estamos nos “vitimizando”, de que o discurso é de “mimimi”, etc. Acho, porém, preferível incomodar a não ser vista. Então, deixa falarem.

Mas a resposta vem. Sempre vem.

**Rosa Gens** – *Vocês acreditam na literatura de autoria feminina? Essa é uma pergunta feita há mais de quarenta anos dentro dessa faculdade. Eu gostaria de saber a opinião de vocês.*

**Simone Ricco** – Eu não sei se acredito, mas que ela existe, existe.

**Taís Bravo** – Eu vejo esse incômodo, de autoras que dizem “Eu não faço literatura feminina. Faço literatura e ponto”. Parto da ideia de que se você é uma mulher que escreve e quer definir sua literatura assim, ótimo. Quem sou eu para dizer o que você faz? Mas preciso dizer que não me ofendo com a denominação e não acho que esse seja um termo que reduz. Existem mulheres que dizem que fazem literatura feminina, então isso existe. Não é preciso que haja alguém que acredite. Há que se dizer também que esse é um termo complexo, que depende muito de quem está fazendo uso dele.

Não é o caso do meu livro de poesia que vai sair, mas muitas coisas que escrevo, principalmente para o “Mulheres que Escrevem”, são para mulheres. Esse é o meu público-alvo. Se isso define o que eu faço como poesia feminina, por mim tudo bem. Por outro lado, já ouvi em eventos a afirmação de que agora estaríamos entrando em nichos. As mulheres são bem diversas, então, se o meu nicho é “mulher”, acredito que é um nicho bem amplo. Considero que escrevo poesia feminina. Não só, mas também.

**Rosa Gens** – *Simone, você trabalha muito com relações étnico-raciais. Há uma lei – de quase quinze anos – para a utilização dessas questões nas escolas, mas até hoje há uma dificuldade grande em entendê-la<sup>1</sup>. Como você visualiza isso, como professora e como mulher que escreve e que tem performances?*

---

<sup>1</sup> A lei em questão é a 10.639/2003, sancionada em 2003, que instituiu no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana”.

**Simone Ricco** – O surgimento da lei mostra a dificuldade da abordagem natural dessa temática. Aquilo que não acontece de forma natural, como o respeito ao outro, à mulher, etc. precisa de uma legislação. Sabemos, também, que vivemos em um país em que a lei não pega, então, não era de se esperar que fosse diferente em se tratando de uma lei que vai falar de quebrar o olhar que nos guia para um norte, mas nos deixa perdidos quando somos sujeitos vindos de outra origem, com um biotipo que não se adapta ao bonito, com uma estética não privilegiada dentro da escola, por exemplo. Lembro que nunca fui rainha de festa junina na escola. Vendia muito, minha família comprava em peso, mas nunca consegui. Tenho essa mágoa.

Por que isso acontece? Porque esse assunto não é discutido, é visto como coincidência. A lei vem para mexer em coisas que foram naturalizadas. Às vezes, há uma rejeição à lei por parte do próprio educador, porque ele precisará sair do seu próprio quadrado, terá que reencontrar outras matrizes teóricas, outras epistemes, o que ele não quer, muitas vezes.

O professor pode estar a fim de ensinar sujeito, predicado, objeto direto e indireto e dar uma passadinha no texto. Quando ele mexe no novo caldeirão, porém, ele não sabe como lidar, porque dará voz a um aluno que pode questioná-lo, dizendo que não gosta da literatura que está sendo ensinada, porque não se vê nela, não se interessa por ela, não se sente bem.

A lei trouxe uma necessidade de mudança que provocou rejeição. Quando fui fazer o mestrado, em 2008, estava acontecendo um *boom* sobre isso. As pessoas não queriam conhecer a lei, mas queriam estar aptas a receber alguma valorização profissional por conta dela. Aí é que eu acho que está a grande questão de ser brasileiro: nós temos um desprezo muito grande pelo conhecimento. Aquela seria uma grande oportunidade de ampliar o conhecimento das pessoas, mas elas não se deram ao trabalho de ler a lei. Aliás, muitas dessas pessoas que não leram foram aquelas que disseram que a lei é ruim.

Entendo que essa seja uma lei que depende muito – assim como todas as leis voltadas aos grupos de minorias – de uma leitura política. Não adianta eu saber que preciso cumprir essa lei, de modo que faço isso uma vez por ano, no mês de novembro, lendo o sujeito negro, e o ano inteiro, na minha prática, continuo desconhecendo esse sujeito como um elemento estruturante da sociedade brasileira, como um elemento que tem defeitos e qualidades. A lei não veio para obrigar as pessoas a colocarem o conteúdo em suas ementas, mas para mexer no olhar das pessoas sobre aquilo que é legítimo, para trazer todos os grupos que formaram a sociedade brasileira para dentro do espaço da escola, um espaço no qual as crianças já chegam trazendo de casa o racismo, preterindo o colega, porque o colega é negro.

A lei vem para mexer nesse universo muito complexo. Ela teve, sim, boicote, teve rejeição. Algumas pessoas até aceitaram fazer uma capacitação para ouvir falar

daquilo, mas ouvir falar não é aprender e nem praticar. Em todas as formações que faço, convido os presentes a pensar até que ponto queriam apenas cumprir a lei ou entendiam que a lei veio para causar uma mudança na sociedade em que vivem. Procuo fazê-los refletir e, de fato, desejam que as pessoas de diferentes raças, cores e orientações sociais se sintam parte dessa sociedade. É importante que cada um que consiga fazer cumprir a lei levando essa diversidade para dentro de outros espaços, não só a escola, mas também a família e a igreja que frequenta. Essa é uma parte da questão que pode ser eticamente legal e relevante, no sentido de nos dar o sustento moral e afetivo para receber bem as pessoas com diferentes configurações.

Sem consciência, não praticamos essa e nenhuma outra lei. Não vejo problema nessa lei, especificamente, mas o vejo no nosso *modus operandi*, na forma como lidamos com a legalidade, elegendo onde queremos ver cumprir a lei e onde não nos importamos que ela seja cumprida ou não.

A lei implica o posicionamento político dos professores. Muitas vezes, vão usar o argumento do desconhecimento, mas algo só é desconhecido até o momento em que você senta para ler e passa a conhecer. Já se passaram quinze anos e as pessoas não tiveram tempo para sentar e ler? Não adianta nos chamarem para ir às escolas em dezembro, se a gente sai pela porta e o que falamos vai embora com o vento. É preciso uma motivação política.

Gosto muito quando estou na universidade porque posso dizer que precisamos que vocês ocupem esses espaços. Precisamos ser escritores dentro da sala de aula e precisamos escrever histórias de vida, de transformação, dentro desse espaço tão massacrado que é a educação.

**Rosa Gens** – *Eu gosto da lei, mas vejo cada vez mais os professores se recusando a cumpri-la. Como nós falamos de uma faculdade que é, normalmente, de licenciatura, eu acho que é importante ouvir isso. Em relação à questão da mulher: somos muitas, somos autoras, críticas, divulgadoras e, principalmente, editoras. No entanto, temos pouca representatividade nos júris literários. Há pouco tempo, vi uma pesquisa que revelou que o número de mulheres nos júris literários é ínfimo, em relação ao que haveria de autoras. Ganhamos poucos prêmios também. Como vocês acham que esse panorama pode se reverter? Como é que nós conseguiríamos mexer com isso? Como abalar essas estruturas? Não tenho nada contra os autores, mas vejo muitas escritoras magníficas que nunca ganharam prêmios e, mais do que isso, nunca foram indicadas.*

**Taís Bravo** – Acho essa questão de ocupar espaços fundamental. O “Mulheres que Escrevem” surgiu a partir disso. Escrevo há muito tempo e, quando comecei a realmente querer ocupar os espaços de escrita, participar dos eventos literários e ter diálogo, não me sentia confortável. Não conseguia me inserir, porque naquelas conversas eu estava sempre em um lugar secundário, como de aprendiz, obrigada

a travar uma disputa por espaço. Em outras palavras, ali você não está realmente conversando, não há uma troca. O “Mulheres que Escrevem” surgiu para mobilizar e unir as escritoras, para que sentíssemos que havia um lugar para conversarmos, que ali não seria um lugar de disputa de voz. Esse primeiro impulso já é uma mudança significativa, sobretudo considerando o lugar em que nos concentramos, o Rio de Janeiro. Os eventos literários já mudaram um pouco, têm outra dinâmica, embora ainda haja situações complicadas.

**Rosa Gens** – *Por favor, dê-nos um exemplo de uma dessas situações complicadas.*

**Taís Bravo** – Bem, eu não estava presente, mas, recentemente, o “Mulheres que Escrevem” foi convidado a participar do lançamento de um sarau de poesia, chamado “A mesa”, um evento que acontece no Morro da Conceição. Eu mesma não pude ir, mas a Estela e a Seane estiveram presentes. Elas leram poemas que falam sobre questões de assédio e estupro. A Estela leu uma tradução da Luna Parque, que saiu na revista “Grampo Canoa”. O poema da Seane era de autoria própria. Logo depois que elas leram, um dos poetas presentes disse que mudou o que havia preparado e que leria um poema que criticava poemas de protesto. Essa é uma situação estranha. Primeiro, aqueles não são poemas de protesto; segundo, se fossem, qual é a questão?

Ainda acontece uma disputa de território. O incômodo é bem presente, mas estamos ocupando espaços e estamos juntas. A cena está mudando. Muitas mulheres, na rede em que circulo, publicaram este ano: a Rita Isadora Pessoa vai publicar e ganhou o prêmio Cepe, a Natasha Felix tem vinte e um anos e acabou de publicar, além da Yasmin Nigri. São poetisas jovens que estão circulando na rede e se apropriando de espaços no Rio de Janeiro, um lugar em que ainda há muito a ser construído, não só por questões de gênero, mas de raça e de classe também. Basta pensarmos que quase todos os eventos literários acontecem na zona sul ou no centro. Precisamos rever o que chamamos de cena literária, porque há muitas coisas potentes acontecendo fora dos espaços consagrados.

Em relação aos prêmios, vamos tentando mudar as estruturas, mas é um longo processo. Vamos fazendo um trabalho de formiguinha. Talvez, um dia, vejamos alguma mudança efetiva. Eu, por exemplo, já vejo essas publicações que citei como grandes conquistas. Um gesto muito significativo para tentar mexer nessas estruturas, nos prêmios e nas publicações, foi o da Conceição Evaristo de se candidatar a ABL, uma candidatura estratégica que mostra que aquela instituição não é mais válida – se é que um dia já foi – para dizer o que a nossa literatura é. A candidatura dela expôs radicalmente que a academia é um clube que funciona com certas regras e que apresenta sérios problemas estruturais. Esses posicionamentos vão rachando a estrutura ou pelo menos dizendo que ela existe, que é a voz prioritária, mas que

não é a única. Esse também é um trabalho que queremos fazer no “Mulheres que Escrevem”.

**Simone Ricco** – Esse tópico da ABL é bem interessante. Temos um imaginário sobre literatura a respeito do que ela é, de para quem é, de para quem serve e de quem está autorizado a circular nesse espaço. Quando passo pelas portas para dar palestras, nunca sou vista como a pessoa que vai falar sobre literatura. Isso é culpa da pessoa que me recebe? Não. É culpa de um imaginário, que é todo eurocêntrico e acredita que toda escritora tem a cara da Clarice Lispector. Nada contra ela, adoro a Clarice, mas vivemos em um país com uma produção literária de diferentes tipos de sujeitos, origens e classes sociais. Isso ainda é muito negado, preterido. As editoras ainda são instrumentos de poder e, ou cerceiam o sujeito que não tem perfil para ser autor ou vão exotizá-lo, torná-lo um sujeito exótico. Com todo o respeito ao trabalho dele, há um autor da Cidade de Deus chamado Geovani Martins, maravilhoso. Sempre questiono qual seria a probabilidade de ele “bombar” tanto se tivesse um biotipo que combinasse com aquilo que ele fala, se tivesse as características de 90% dos meninos que falam como ele.

**Rosa Gens** – *Eu digo mais: ele não publicaria pela Companhia das Letras.*

**Simone Ricco** – Exatamente. Qual seria a probabilidade de ele ser um produto-autor? Em que medida a editora está interessada na autoria e em que medida se interessa pelo produto-autor? Isso foi o que aconteceu com a Carolina Maria de Jesus também. As pessoas compraram, porque estavam abrindo espaço para a escrita da favelada, mas quantos foram além dos estereótipos e viram o traço filosófico que há na escrita dela? Quantos viram o traço de denúncia para várias questões ou a projeção de uma mulher com uma alma extremamente libertária, dona de sua sexualidade e assumidamente liberta de várias questões que aprisionam tanto as mulheres negras? Temos um imaginário que acaba limitando muito a nossa produção literária e é por isso que acho que aquilombar é preciso. É isso que temos feito na produção literária negra. Nós nos fortalecemos, consumimos nossos livros e temos que ter a consciência de que gostamos da literatura como arte e não como produto. Nós lemos de verdade. Muita gente vai passar na livraria, comprar um monte de livros e deixá-los morrer na estante, mas nós não somos esse público e dentro da literatura negra o que temos feito é construir essa formação coletiva que dá sustentação à manutenção das escritas, à escrita viva, ao autor vivo, ao texto que é narrativa, à escrevivência – conceito da Conceição Evaristo. O leitor também tem que dar vivência para o texto, porque se um texto, por mais maravilhoso que seja, morre na estante, ele não cumpre seu papel de circular, de transitar entre as pessoas e de produzir diferentes leituras. Dentro da literatura negra, temos feito isso como estratégia. Não sei se a gente chega à virada,

como você disse. Através da sua trajetória, você já viu tantas vezes esse desejo de virada, eu sei, mas quando eu vejo o que está acontecendo no Brasil hoje, percebo que a virada não é um desejo de todos. Muita gente quer se conservar exatamente onde está. A virada não é algo que estamos perseguindo. Estamos tentando criar campos de força, porque o editor está interessado no dinheiro que circula entre nós. Se começarmos a fazer o dinheiro circular entre nós, começaremos a falar com eles, porque a sensibilidade deles é uma questão econômica. É preciso fortalecer as experiências que chamamos de periféricas. Esses são espaços onde as pessoas vão produzir uma possibilidade de circulação das escritas, dos trabalhos performáticos, dos trabalhos cênicos, e são espaços que não estão nos grandes centros. Aí, a virada é de pescoço. O cara vira para olhar para onde estamos levando o público.

Por outro lado, eu fico me perguntando: até que ponto a gente quer estar na Companhia das Letras? A Conceição Evaristo – com quem eu dividi turma quando ela fazia doutorado e eu, mestrado – tem essa postura política. Ela poderia estar na grande editora, mas por que ela não está? Ela faz as pessoas virarem o pescoço, faz as pessoas descentrarem um pouquinho.

Eu vi recentemente na FLIP algo que me animou bastante: a literatura que é produzida por mulheres e por autoria negra tem leitores de diferentes perfis. É isso que queremos. Quando trazemos uma escrita que não é de protesto, mas coloca situações vividas, as escrevivências, não queremos falar sempre para os mesmos e só para um determinado grupo, mas estamos eliminando a figura do intermediário que é também o editor, porque ele traz critérios que vão nos excluir novamente. Eles pegam, por exemplo, a Ryane Leão, que é negra, de pele bem clara e que tem a cara da autoria. Ela se declara negra, faz disso sua história, uma vivência, mas socialmente não é vista como negra. Esse perfil é sempre repetido.

Por mais que criemos estratégias que façam a virada de pescoço, a virada de conta bancária ainda é algo difícil para nós. Vocês, quando compram obras de autoria negra, são patrocinadores de autores e é disso que precisamos. Esse patrocínio é importante, porque não é só de quem dá o dinheiro, mas de quem troca, de quem acompanha, de quem realmente sabe o que a Conceição Evaristo escreve, de quem lê porque gosta, não porque é um hobby, porque ela é uma autora da ABL: lê porque aquilo que ela escreve é literatura.

**Rosa Gens** – *O que você diz é extremamente importante, mas o que acontece é que muitas dessas obras não chegam às livrarias. Você não consegue comprar o que não é exposto, a não ser que você faça parte de um nicho ou conheça a editora, como você falou. Eu falei do seu livro, por exemplo, que eu não vejo nas livrarias. É impossível, às vezes, chegar ao que não está acessível, mesmo quando se gostaria de ter. Isso me leva a pensar em outra coisa: além da Conceição Evaristo, que autoras vocês apontariam, na literatura brasileira, que têm uma visibilidade boa?*

**Simone Ricco** – Trago para a roda, vamos dizer assim, Ana Maria Gonçalves, autora de *Um defeito de cor*, um livro de oitocentas páginas, bastante lido e que ainda está nesse nicho, nesse segmento mais apartado das estantes das principais livrarias. Apesar disso, é possível encontrá-lo e ele virará uma minissérie na Rede Globo, no próximo ano, eu acho.

Para promover, cito a Eliana Alves Cruz, uma escritora que lançou o *Água de Barrela* um livro premiado, muito bonito e que está esgotado, além de *O crime do cais do Valongo*, no qual ela trabalha com recortes de jornais da época<sup>2</sup> e vai construindo uma narrativa. Alguém pode pensar “Ah, mas muita gente já fez isso...” Claro, mas por que nós vamos exigir que a mulher ou a autoria negra faça o inédito? Não estamos querendo isso. Queremos dizer que existem várias narrativas vigorosas e de qualidade, que podem ser apreciadas por qualquer leitor.

Tivemos um momento das literaturas negras, afro-brasileiras ou negro-brasileiras, como diz o Cuti, no final da década de 1970, em que o discurso era mesmo de uma militância muito necessária para a época, no sentido de trabalhar o “tornar-se negro”, numa sociedade mestiça, onde ninguém era negro. As pessoas diziam “Ah, você é marrom mais claro” ou “Você é marrom mais escuro”, porque dizer a palavra “negro” era uma questão muito pesada.

Houve esse momento em que o literário foi explícita e necessariamente militância. Hoje, claro, ele não deixa de ser. Ora, ontem uma advogada, Valéria, em Duque de Caxias, foi algemada arbitrariamente porque saiu do seu lugar de mulher negra e levantou a voz para uma juíza. Sabemos que há uma grande possibilidade de que a fala dessa advogada fosse considerada legítima caso ela fosse uma advogada branca, mas tratava-se da fala de uma mulher negra gritando com uma mulher branca. Esse imaginário ainda está muito forte. A militância ainda é necessária.

Só para dar mais um exemplo: no ano passado, levamos a Conceição Evaristo ao “Mulheres de Pedra”, o coletivo de Guaratiba. Ela contou que, na noite anterior, saía da Tijuca para ir ao Centro pegar o metrô. Parentes a deixaram de carro e ela foi andando para a escada do metrô, carregando algumas bolsas. Nesse momento, uma pessoa lhe ofereceu uma quentinha, considerando que ela era uma moradora de rua, uma pessoa necessitada.

A nossa pele ainda carrega a marca desse racismo, que é velado, mas se mostra. Ele é velado enquanto declaração, mas, como ação, está visível o tempo inteiro. Se eu escrevo a partir desse lugar, como não colocar isso no meu texto? Como a minha escrita não vai trazer isso? Posso querer escrever sobre borboletas azuis, mas, como sou uma mulher negra, alguém pode dizer “Ah, não tem nada melhor para fazer não? Que coisa ridícula! Vai correr atrás de borboleta azul?” Já uma mulher com

---

<sup>2</sup> A trama cobre um período que se estende entre 1810 e 1835.

outra constituição física e outra história social pode despertar comentários diferentes, como “Ah, ela é tão artista, não é?” Não há como não militar, porque, se a gente não milita, somos vistos como aqueles que não têm nada para reclamar e daqui a pouco estaremos endossando o discurso de que tudo isso é bobeira. Nós falamos porque é necessário.

Ainda sobre as autoras, que foi sua pergunta, cito também a Mel Duarte, a Luz Ribeiro e o pessoal das performances, com a “Segunda Preta”. Estar nas livrarias ainda é uma tarefa um pouco mais difícil. Uma figura bastante importante é a dos livreiros. Eles carregam um material que nem sempre estará nas livrarias. Não sei como resolveremos essa questão de estar lá, mas há gratas surpresas. Na semana passada, procurei em uma grande livraria o livro *Caminho de casa*, de uma escritora nigeriana, se não me engano, e estava esgotado. Acabei comprando o *Baratas*, da Mukasonga, uma escritora ruandesa. Eu queria *A mulher de pés descalços*, também dela, mas esse também estava esgotado. Retomo o que disse: só seremos vistos quando mostrarmos que compramos, mas prefiro comprar do livreiro. Toda universidade tem. Esse cara ajuda a sobrevivência das autorias negras que são ainda alternativas, não porque queiramos, mas porque nos colocam nesse lugar do alternativo.

**Taís Bravo** – Gosto muito desse assunto, porque o que estamos fazendo também propõe repensar um pouco a circulação, justamente nas editoras e no mercado editorial, porque escrever é uma coisa, mas publicar e estar dentro das editoras e das livrarias é outra e envolve um mercado e dinâmicas de economia e poder.

Amo livraria, mas vejo um movimento que está mudando quem se interessa por literatura, justamente porque agora as escritoras participam, estão presentes nos eventos, propõem conversas. Não é mais aquela coisa encastelada, de gênios. A proximidade leva o leitor a um lugar mais ativo, até para pensar o consumo. Você pensa se quer comprar aquele livro diretamente com a escritora que terá o retorno daquela obra, com a editora ou lá na livraria.

Essa foi a primeira vez que eu estive na FLIP, um lugar em que só uma parcela muito pequena da população pode estar presente, pois é uma festa que tem um custo alto. Mesmo assim, você vê circulando não a programação oficial, mas um monte de escritoras que pagaram suas passagens para participar dos eventos, além das editoras pequenas que tiveram casas só delas e as editoras independentes. Isso também é outro vínculo fundamental para continuarmos fazendo o que temos feito. Estamos comprometidas com outra literatura que não é realmente a que interessa à Companhia das Letras, porque não há formação de leitor no processo de publicar dez livros por mês. Estamos nos aproximando dos leitores como escritoras, o que é importante para a escrita e para o que queremos para a literatura.

As feiras também são ambientes muito produtivos. Quem gosta de livro, participe. Teremos a “Primavera Literária”, por exemplo, que acontece na zona sul. É um

deslocamento, mas é um evento que envolve só as editoras. Há uma liga independente das editoras, então, você conversa com as pessoas que trabalham nesses lugares e compra os livros diretamente com elas, porque as livrarias realmente ficam com um retorno imenso do dinheiro.

Lançarei meu livro numa editora super pequena que vem resistindo para existir, a Urutau. Ela está com um projeto interessante de publicação, fazem chamadas no Facebook e no site deles. Se você escreve, é bom acompanhar. No início deste ano, eles fizeram uma chamada e selecionaram vinte autores. Entre esses autores, alguns tiveram questões e não puderam publicar, mas dezessete autores nacionais serão publicados. A editora é pequena e completamente independente, a tiragem é mínima, mas é uma forma de fazer com que os autores nacionais sejam lidos e ponham seus livros para circular. O lançamento do meu livro será numa pizzaria. Achei ótimo. Não será numa livraria, porque ela ficaria com 70% do lucro do livro e, bem, como é que a editora sobrevive?

Sobre as escritoras, vou falar, ainda, da Jarid Arraes, porque ela é muito emblemática no que faz. Fiz uma comunicação sobre o último livro dela, que conversa sobre qual é o lugar que se espera de uma escritora negra, quais são os efeitos dessa expectativa na escrita, como é você, às vezes, virar um produto, ser lembrada apenas no mês da consciência negra, etc. Mas a escrita dela vai muito além disso. Ela se autopublicou, dá ferramentas para quem quer ser escritora, tem uma proximidade essencial com os leitores e uma produção muito importante que vai ficar para a história.

Outra pessoa que circula numa menor proporção, mas é muito influente onde circula é a Danielle Magalhães. Todos que a ouvem lendo ficam impactados. Um dos livros dela foi publicado pela 7Letras. Ela é aluna da Pós-Graduação aqui na UFRJ e faz curso conosco no PACC. Quem lê a Dani tem um estremecimento e cria interlocuções. Ela é uma poeta que cita outras poetas, e, desse modo, vai mobilizando.

Pensei também na Djamila, que está na Companhia das Letras, alcançando muita gente. Ao mesmo tempo, tem um projeto paralelo de letramento, com uma coleção inteira que fala sobre feminismo e movimentos sociais, com conceitos e autores negros. Ela tem um trabalho de formação de leitores, porque os livros que ela está publicando abordam o conceito de fala, o empoderamento. São ótimos.

Para falar de outra escritora que não está sendo publicada em papel e vem de outro nicho que não abordamos, posso citar a Olívia Pilar, uma jovem que ainda publica apenas na Amazon, naqueles *e-books* que são super baratos e estão conquistando um público grande. Ela escreve para jovens – “*Young Adults*” – e fala a partir de sua vivência como mulher negra bissexual. Na minha adolescência, isso não existia. Não se falava sobre esses temas. São outras dinâmicas, outras formas de chegar aos leitores. Ela escreve em plataformas. Enfim, há muitas coisas acontecendo na literatura.

**Rosa Gens** – *Vamos às perguntas da plateia.*

**Lucas (sobrenome não compreendido) (USP)** – *A partir do momento em que vocês colocam uma denominação como literatura feminina ou literatura negra, existe uma estética para isso? Quando digo estética, estou perguntando da relação entre forma e conteúdo, porque o conteúdo está claro. Se um poeta fingidor resolver escrever como se fosse uma mulher, ele teria uma estética, uma forma para isso?*

**Taís Bravo** – Concordo com o que a Simone disse anteriormente. Quando nos autodenominamos uma escrita a partir de um lugar, não vejo essa questão da estética. Entendo as mulheres que não aceitam dizer que a literatura delas é feminina, quando isso vira um rótulo, uma restrição, como se toda mulher escrevesse da mesma forma ou como se toda pessoa negra escrevesse sobre as mesmas questões. Discordo dessa perspectiva, por isso também acho que essas expressões, tanto a literatura feminina quanto a literatura negra, dependem de onde estão partindo, de quem está falando, porque realmente podem ser usadas de uma forma reducionista.

Não concebo uma estética que coloque tudo dentro de um grupo. Vejo a literatura feminina e a literatura negra como lugares de ponto de partida. Não penso a minha poesia direcionada para um público, mas muitos dos ensaios que publiquei no “Mulheres que Escrevem” nasceram de questões minhas como mulher e, portanto, voltam-se para mulheres. Só mulheres podem ler? Só mulheres tirarão proveito daquilo? Acredito que não, mas se homens não quiserem ler porque está no feminino, eu não me importo. Esse é o meu ponto de partida, mas não acho que isso define uma estética. Tampouco constitui uma limitação.

Se eu resolvesse escrever só para mulheres e a Simone decidisse escrever apenas para pessoas negras, não acho que isso criaria um nicho. Mulheres não são iguais entre elas, mulheres negras não são iguais entre elas. Já me disseram que estou escrevendo para um nicho e não me importei, porque não vejo dessa forma. Não nos vejo como um bloco homogêneo.

**André Salviano (UFRJ)** – *A Taís falou sobre a FLIP. Estive lá pela sétima vez. Do ano passado para cá, verificamos uma mudança, não só na participação das mesas, mas inclusive do público. O ponto de virada ocorreu porque mudou a curadoria, que passou para Josélia. Inclusive, tivemos como homenageado o Lima Barreto. As críticas à FLIP sempre existiram e sempre foram procedentes. É um evento excludente, mas agora ficou um pouco mais inclusivo e mais aberto. Eu queria saber de vocês, que são militantes de coletivos de literatura negra e de literaturas de mulheres, qual a importância que vocês veem na militância relativa a editoras e festivais literários. Os coletivos de que vocês participam fazem algum tipo de pressão? Vocês acham importante militar no sentido de,*

*por exemplo, ter nos outros festivais uma curadoria que seja diferente? Digo isso porque vemos, de um tempo para cá, que os prêmios literários já apreciam autores de editoras pequenas, editoras como 7Letras, Patuá.*

**Simone Ricco** – Às vezes existe essa pressão, mas ela é feita com uma certa reserva, porque quando reclamamos por essa abertura de espaço, a reclamação é apontada como agressão. Há certo recuo, mas há uma maior organização também.

Há grupos de WhatsApp, por exemplo, em que as pessoas se reúnem para falar sobre os editais do audiovisual. Na literatura, o pessoal de São Paulo tem uma força maior junto a Quilombhoje e outras editoras pequenas. Às vezes, a pressão vem de forma indireta. Construir uma FLIP paralela dentro da FLIP é uma pressão. Talvez não para aquela edição, mas para a próxima.

Nós amadurecemos bastante. Entramos em espaços acadêmicos, estamos lendo uma teoria que nos dá outro embasamento. Não queremos mais partir para a porrada, estamos mais sofisticados. Estamos capoeirando. As estratégias existem, de fato.